

## O FILME “VALENTINA”: RESISTÊNCIAS TRANS EM ESPAÇOS ESCOLARES

*Eixo Temático ET 23 - Identidades e (Não)Representatividades de LGBTQIA+ na Literatura, no Cinema, na Música e na TV do Brasil*

Jessika Villalon <sup>1</sup>

### RESUMO

Neste trabalho são apresentados resultados parciais de uma pesquisa de doutorado em andamento, que tem como base os estudos etnometodológicos (GARFINKEL, 2018), pautados nos currículos escolares, fazendo uma breve relação com a obra audiovisual Valentina, dirigida por Cássio Pereira dos Santos. Partindo da “pesquisa implicada” (ROCHA, MAIA, 2017), de base fenomenológica, realizada no Doutorado em Educação na Amazônia, com vinculação ao GEPCE/Minorias (UFT), busca fazer conexões entre a obra de Santos (2021), e os contextos de resistências de pessoas transgênero no ambiente escolar, principalmente nas escolas públicas. Uma das aproximações conclusivas é a de que o filme aborda, de maneira sutil, a violência e a exclusão de pessoas trans no ambiente escolar reforçada pelos currículos excludentes e a não aplicação de políticas públicas já existentes.

**Palavras-chave:** Cinema, Escola pública, Resistência transgênero, Currículo.

### INTRODUÇÃO

O conceito de passabilidade é quando a pessoa apresenta uma aparência que condiz com sua expressão de gênero. A passabilidade transita entre as vertentes positivas e negativas. Pode ser positiva por fazer com que o indivíduo se sinta de acordo com sua expressão de gênero, mas também pode trazer à tona fatos transfóbicos, principalmente como mostrado no filme Valentina, quando são “confundidas com mulheres”, por parte de homens cisgênero e transfóbicos.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na Amazônia – Educante da Universidade Federal - TO, jvillalon@mail.uft.edu.br

O corpo transgênero, está principalmente associado à erotização e a realização de fetiches sexuais, em que as pessoas transgênero em sua maioria são submetidas por não terem acesso devido à educação, e quando têm, sofrem preconceitos diários dentro dos ambientes escolares, que em suma, não estão preparados para o acolhimento dessas pessoas.

Assim, procuramos abordar a (in)visibilidade de gêneros através da corporalidade de pessoas T, tendo como problemática a seguinte questão, até que ponto a passabilidade é significativa para as pessoas transgênero e quando ela se torna algo negativo, endossando a transfobia?

Como justificativa, utilizamos os índices apontados pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), que aponta que entre os anos 2017 a 2020, aconteceram no Brasil 641 assassinatos de pessoas transgênero.

Temos como objetivo em relatar as dificuldades e desafios de pessoas transexuais no contexto educacional, utilizando a metodologia da pesquisa implicada (ROCHA; MAIA, 2017), identificando no filme *Valentina* as relações com a realidade, apresentando os/as/xs sujeitos/as/xs, que por muito tempo vivem/viveram em segregação social, sujeitos ao currículo escolar, pautado na heteronormatividade.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A metodologia deste trabalho é de cunho bibliográfica, com uma análise acerca do tema da transexualidade em espaços escolares, se baseando em autores como: apresentando conceitos e embasamentos críticos para este estudo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O acesso à educação, que é algo garantido pela Constituição Federal, por muitas vezes não abrange a população de travestis e transexuais. Muitas/xs travestis relatam em entrevistas difundidas na mídia a exclusão, discriminação e violência no ambiente escolar. A maior parte delas não têm uma construção e nem grandes vivências no ambiente escolar: Segundo Rondas (2012) as travestis sofrem muito com a falta de

preparo no atendimento, e são segregadas em ambientes sociais, principalmente na escola, sendo marginalizadas e praticamente invisíveis ao poder público.

Para Alves, para as pessoas as travestis e transexuais são sinônimos de prostituição, agressividade, imoralidade e perigo. Não seguem o padrão heteronormativo, enfrentam as imposições sociais, tiram as pessoas de sua “zona de conforto”, expondo o preconceito existente nas pessoas. É necessário ter o cuidado de não tratar as travestis como heroínas ou vilãs, sendo as mesmas pessoas como todas as outras, dotadas de sonhos, desejos e necessidades. (RONDAS, 2012).

Desta maneira podemos realizar questionamentos dos discursos disciplinares e reguladores na escola. Crenças e valores do que é normal/anormal, certo ou errado dentro do ambiente escolar, sendo por muitas vezes verdades absolutas, garantindo o engessamento dos currículos (FOUCAULT, 1988). As políticas inclusivas não beneficiam plenamente a identidade de gênero, e estas ocorrem de modo lento, pois muitos profissionais da educação demonstram grande resistência ao assunto.

Além de todo o estigma, travestis e transexuais podem elencar uma série de outros como, por exemplo, ser chamado/a pelo nome de registro civil ao invés do nome social em consonância com a identidade de gênero “escolhida” em escolas, ou a dificuldade social que torna travesti e transexuais que não tiveram o nome de registro civil alterado pelo nome social excluídas do processo educativo e até mesmo do direito de participarem e atuarem em esferas sociais públicas. (BENEDETTI, 2007; SILVA e BARBOSA, 2005).

Outros fatores que podem influenciar na frequência e rendimento das travestis e transexuais são as situações de *bullying* ou ações de violência e agressão no próprio ambiente escolar. Por vezes, a escola reproduz cenas de exclusão, seja por meio de expulsão, transferência ou descaso com estudantes que sofrem ações agressivas ou de discriminação. “A escola apresenta muita dificuldade no trato da orientação sexual e de gênero, mostrando-se muitas vezes insegura e perdida diante das cenas que não estão presentes em seus manuais” (PERES, 2005, p. 57).

Os modelos de normatização e regulação têm na escola papel fundamental para excluir aqueles que não fazem parte do que é correto, verdadeiro e saudável e legitimam

o exercício do poder por estes sobre os que não se encaixam no perfil dito como correto, que é o caso das travestis. Por não se enquadrarem no modelo disciplinar adotado pelas práticas educativas, as travestis acabam sofrendo discriminações e violências legitimadas pelo discurso de poder. (OLIVEIRA, 2017). As premissas para uma educação inclusiva para travestis podem ser pensadas a partir da compreensão de que se trata de identidades transitórias. A ambiguidade das travestis entre os universos masculinos e femininos deve ser compreendida como performatividades de gênero (BUTLER, 2003).

A autora bell hooks (2013) defende que a educação deve ser transgressora. As vivências trans são transgressoras em sua existência, e se faz necessário pensar e organizar novos currículos para que as pessoas trans se sintam acolhidas nos ambientes educacionais. A pedagogia crítica e a educação são essenciais para reforçar o conceito de liberdade, pois não é possível desvincular a educação de uma prática social. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2018).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O filme apresenta situações hipotéticas que poderiam muito bem acontecer na realidade, em maior ou menor intensidade. Aparentemente, a família (pai e mãe), lidam bem com o gênero e a sexualidade de Valentina, com exceção de sua avó, que ainda a chama pelo nome de batismo, e pelo gênero masculino. O pai de Valentina não é muito presente, e reside em outra cidade, impedindo que Valentina possa solicitar o nome social, pois ainda é menor de idade, e precisa da autorização de seus genitores.

O medo constante de ser “descoberta”, relacionamentos, amizades e sua vida escolar são os outros temas tratados no longa metragem. O ápice do filme, é quando Valentina vai à uma festa, e nesta dorme num quarto, e é tocada por um garoto, que descobre que a protagonista tem um órgão fállico. À partir daí Valentina passa a sofrer inúmeras agressões e é vítima de transfobia.

Quando seu pai aparece, e finalmente a personagem consegue a utilização do nome social na escola, ainda assim é ameaçada. Independentemente se a pessoa

transgênero é passável ou não, sempre estará sujeita a sofrer algum episódio de violência de gênero.

Infelizmente o Brasil está passando por uma onda de fundamentalismo religioso, e o sistema impõe a heteronormatividade, em uma exclusão quase que total das pessoas que manifestam outros gêneros, que não sejam o masculino e o feminino com determinação biológica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *Valentina* possui uma linguagem leve, e possibilita inúmeros questionamentos não apenas para a questão da transexualidade. O filme também aborda a questão da violência sexual, através da cena em que *Valentina* é tocada enquanto dorme, e principalmente pautada na transfobia.

Isso nos traz à reflexão também a questão da passabilidade, em que até certo momento *Valentina* é respeitada pelos colegas e pessoas da cidade. Quando descobrem seu “segredo”, até mesmo a senhora que a abrigou juntamente com sua mãe pede para que as duas se retirem, reforçando a transfobia que acontece de forma velada.

A última parte do filme, em que *Valentina* é ameaçada dentro da sala de aula e é defendida pelos colegas também mostra que essa cena poderia facilmente se transpor para a vida real, e infelizmente muitas pessoas transexuais não são defendidas nas escolas que estudam, e raramente têm o apoio que necessitam.

## REFERÊNCIAS

ANTRA. Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020 / Bruna G. Benevides, Sayonara Naidier Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021 136p.

BENEDETTI, M. R. **Toda feita: gênero e identidade no corpo travesti**. Anais da II Reunión de Antropologia Del Mercosul, Piriápolis, Nov. 1997.

BUTLER, J. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, M. (1988) **História da Sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.

GARFINKEL, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Editora Vozes Limitada, 2018.



HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. **São Paulo: WMF Martins Fontes**, 2013.

OLIVEIRA, Fabio AG; RODRIGUES, Liliana. **Por uma educação TRANSgressora e TRANSfeminista**: possíveis enfrentamentos à produção das ausências através da disciplinarização e subjetivação. 2018.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente:(r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. Tese de Doutorado. UFPR.

PERES, Wiliam Siqueira. **Travestis brasileiras: construindo identidades cidadãos**. In: GROSSI, Miriam Pillar; BECKER, Simone; LOSSO, Juliana C. M.; PORTO, Rozeli M.; MÜLLER, R. de C. R. (Org.). *Movimentos Sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

ROCHA, Damião; MAIA, Marcos. A pesquisa implicada de inspiração fenomenológica para estudos in situ de/com sujeitos sociais da diversidade sexual e de gênero. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH**, v. 1, n. 1, Jul-Dec 2018, p. 220-237.

RONDAS, Lincoln. **VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL DE TRAVESTIS: das estratégias pessoais às políticas de inclusão**. 2012. 109 f. Tese de Mestrado. Instituto de Educação Continuada, Pesquisa e Extensão. Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local. Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2012.

SILVA, Alessandro Soares da. BARBOZA, Renato. **Diversidade sexual, Gênero e Exclusão. Social na produção da Consciência Política de Travestis**. Athenea Digital, 8, 2005, pp. 27-49. Disponível em:  
<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=53700802>. Acesso em 3 de novembro de 2021

VALENTINA (Filme) Direção de Cássio Pereira dos Santos. Campo Cerrado Audiovisual, 2021. 95 min. Disponível em <https://www.netflix.com/br/title/81383254>. Acesso em 23 abr. 2022.